Dom Quixote: lições a quem governa

» OTÁVIO SANTANA DO REGO BARROS
General de Divisão da Reserva, foi chefe do Centro de Comunicação Social do Exército



Há muitas e belas passagens sobre a cavalaria medieval na icônica história do fidalgo Dom Quixote De La Mancha e seu fiel escudeiro Sancho Pança. Escrita por Miguel de Cervantes Saavedra, no início do século 17, a epopeia tornou famoso o coletor de impostos que, anos antes, adquirira experiência de combate ao alistar-se sob a bandeira da Itália, participando na batalha naval de Lepanto. Na refrega contra os turcos, o autor foi gravemente ferido. As experiências vivenciadas nesse período o estimularam a duelar com sua pena e tratar da nobreza, seus heróis, suas damas.

A loucura do personagem principal se somou à ingenuidade de seu cavalariço para viverem aventuras fugidias da realidade e nos trazerem, paradoxalmente, senso de realidade, ética e moral no viver dos homens, respeito à tradição e aos valores herdados dos antepassados, a uma sociedade carente desses atributos em nossos tempos. Uma das mais saborosas passagens contadas no romance merece ser resgatada. Trata-se dos conselhos ministrados pelo fidalgo ao seu servo que iria assumir-se como governante de uma ilha fictícia. Uma brincadeira conduzida pelo duque e duquesa (a obra não os nomina), aproveitando-se da pureza de alma da estranha dupla, leva os protagonistas a acreditarem que o serviçal havia sido contemplado com um quinhão de terra para, como desejado, governá-lo.

Consciente da responsabilidade que é conduzir almas e imbuído da convicção de que ao nobre cabia orientar o súdito, ofereceu-lhe Dom Quixote a Sancho Pança dois tipos de conselhos: os que adornariam a alma e os que adornariam o corpo. Dos que tratavam da alma, ilumino os atemporais e afetos a qualquer governante: — Deves voltar os olhos para quem és, procurando conhecer a ti mesmo, que é o conhecimento mais difícil que se pode imaginar. — Nunca te guies por teus caprichos, coisa muita aceita entre os ignorantes que se acham perspicazes. — Quando acontecer de julgares o pleito de alguminimigo, afasta teu pensamento da ofensa que sofreste e ajusta-o na verdade do caso. — Procura descobrir a verdade tanto entre as promessas e os presentes do rico como entre os soluços e a súplica do pobre.

Dos que tratavam do corpo, ilumino os que cabem a qualquer pessoa em qualquer lugar: — Anda devagar e fala com calma, mas não de maneira que pareça que escutas a ti mesmo, que toda afetação é má. — Cuida-te, Sancho, para não comeres esganadamente, nem eructares (arrotar) diante de ninguém. — Também não deves misturar em tuas conversas, Sancho, aquela multidão de ditados que costumas usar, porque, apesar de os ditados serem sentenças breves, muitas vezes tu os encaixas a ferro e fogo, tanto que mais parecem disparates que sentenças. — Quando montares a cavalo, não vás com o corpo jogado sobre o arção traseiro nem leves as pernas tesas e espichadas, nem tampouco vás tão frouxo que pareças que vais em teu burro. Porque andar a cavalo torna uns cavaleiros, outros cavalariças.

O Cavaleiro da Triste Figura disse-lhe ao seu vassalo muitos outros conselhos, na esperança de ajudá-lo a exercer as nobres funções de governante sobre o povo que lhe coube da fantasiosa ilha. Naquele tempo, legislar, executar e julgar eram ações de uma única pessoa: o soberano. Tornava-se imprescindível, pois, que essa figura coroada fosse escrava tão somente de virtudes e que o poder não lhe tomasse a cabeça, induzindo-o à arbitrariedade como norma do decidir.

Sancho Pança foi austero com os bens públicos, justo com seus servos, severo com os criminosos, benevolente com os ajustados, hábil diante das armadilhas da corte, afastado de mexericos de lambe-botas, equilibrado na distribuição das riquezas e firme na coleta dos impostos. Não usou o poder que lhe foi oferecido pelo Duque, ainda que tudo não passasse de um chiste, em benefício pessoal. E tão logo percebeu a sua inadequação para conduzir seus súditos, abdicou de tudo, poder e riqueza, para pronto retornar ao seu amor, Joana de Pança, que o esperava saudosa numa aldeia do campo de Montiel.

Uma fascinante ficção plena de realidade. Deixa-nos exemplos da maneira correta como devem se conduzir governantes diante de governados, em missão tão nobre de dar-se antes que receber-se, de oferecer antes que pedir, de dividir antes que acumular. Quando gestores públicos se mostram embaraçados para conduzirem suas ilhas, ganhas agora pelo favor do voto, não custa oferecer-lhes um conselho: vais ao fidalgo que louco não era.

Doenças inflamatórias intestinais, ameaça crescente e ignorada

» LUIZ FELIPE DE CAMPOS-LOBATO
Cirurgião coloproctologista, é coordenador do Internato de Cirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (UnB)

No último mês de maio, os brasileiros foram surpreendidos ao se depararem com as ruas e praças iluminadas em tons de roxo. Tratava-se das atividades do Maio Roxo, movimento mundial de conscientização sobre as doenças inflamatórias intestinais (DIIs). Mas, afinal, o que são as DIIs? Essas doenças englobam uma série de condições, sendo as principais a retocolite ulcerativa e a doença de Crohn. Elas afetam o sistema digestivo, desencadeando inflamações e cicatrizações sucessivas, o que resulta em disfunções e deformidades no intestino. Além disso, aumentam consideravelmente o risco de desenvolvimento de câncer no intestino.

Até recentemente, os dados sobre a prevalência das DIIs no Brasil eram escassos, e essas doenças eram consideradas raras, ou seja, com uma incidência menor que 65 casos a cada 100 mil habitantes. No entanto, um estudo multicêntrico realizado por nossa equipe, em parceria com a UFMG, UFJR, ID'Or – Rede D'Or, Universidade de Nova York e Cleveland Clinic-OH, revelou que, entre os anos de 2008 e 2017, a prevalência das DIIs saltou de 19 casos para 80 casos a cada 100 mil habitantes. O Distrito Federal foi uma das unidades federativas com maior incidência, registrando 93 casos a cada 100 mil habitantes.

Mas quais são as causas das DIIs e o que explica esse aumento no Brasil? As DIIs são doenças multifatoriais, ou seja, diversos fatores contribuem para o seu desenvolvimento. Os fatores genéticos desempenham papel importante, uma vez que é comum encontrar casos repetidos dentro da mesma família. Questões relacionadas ao sistema imunológico também estão envolvidas na origem das DIIs, já que a inflamação intestinal é desencadeada por processos controlados pelo nosso sistema de defesa.

Curiosamente, várias teorias recentes apontam que fatores externos estão intimamente relacionados ao desenvolvimento das DIIs, e esses são fatores em que podemos intervir. Todos eles estão de alguma forma ligados à diversidade de nossa microbiota intestinal, muitas vezes desde a sua formação. Afinal, a amamentação por um período mais curto e o uso indiscriminado de antibióticos na primeira infância são fatores de risco importantes para o surgimento das DIIs.

Nossa pesquisa também revelou que as DIIs eram mais comuns em regiões do Brasil com altas taxas de desmatamento, o que contribuiria para a redução da biodiversidade local e consequentemente, para uma microbiota intestinal mais pobre. O consumo excessivo de alimentos processados também está relacionado ao surgimento das DIIs, como evidenciado pela baixa incidência dessas doenças em populações em que os hábitos alimentares mais se aproximam do natural, como entre os povos indígenas.

O diagnóstico precoce é um dos principais desafios no caso das DIIs. Isso ocorre porque, até recentemente, acreditava-se que essas doenças eram raras, havendo pouca divulgação a respeito delas, inclusive no meio médico. Além disso, os sintomas iniciais das DIIs são semelhantes aos de várias outras condições mais comuns, como infecções intestinais. No início da doença, os pacientes geralmente apresentam episódios de diarreia, sensação de inchaço abdominal, ruídos intestinais e até perda de peso. Como os sintomas ocorrem em ciclos, é comum que as pessoas demorem a dar a devida atenção ao problema.

Geralmente, isso só acontece quando a qualidade de vida é afetada de maneira mais importante ou quando surgem sintomas mais graves, como sangramento nas fezes, dores na região anal ou abdominais intensas. Para confirmar o diagnóstico de uma DII, é necessário realizar exames endoscópicos, de imagem, de sangue e, sem dúvida, consultar um médico que esteja atento a essa possibilidade diagnóstica.

Assim como várias outras doenças, como hipertensão e diabetes, as DIIs não têm cura, mas podem ser tratadas. As formas de tratamento variam de acordo com o estágio da doença. Quando a inflamação é o componente predominante, são utilizados medicamentos. Já quando os episódios de inflamação seguidos de cicatrização deformam o intestino, procedimentos cirúrgicos se tornam necessários. Apesar de serem doenças incuráveis, quando o diagnóstico é precoce e o tratamento adequado, é possível conviver com as DIIs mantendo uma qualidade de vida próxima do normal.

A boa notícia é que o sistema de saúde brasileiro é um dos poucos do mundo que apresenta cobertura de tratamento para as DIIs, seja por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), seja por planos de saúde. O que é de suma importância, afinal é tratamento caro e crônico, muitas vezes ultrapassando centenas de milhares de reais anuais apenas com medicações.

O aumento cada vez mais frequente das DIIs nos faz um chamado importante: precisamos estar mais atentos aos nossos hábitos de vida, alimentação e aos sinais que nosso corpo nos envia diariamente. Somente assim poderemos reduzir sua incidência e realizar diagnósticos mais precoces, aliviando o sofrimento causado por essas doenças.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // *circecunha.df@dabr.com.br*

Deitados na lei

Vivêssemos realmente numa república, digna do nome, os conchavos, as negociações, as entabulações e todas e quaisquer tratativas realizadas pelos homens e pelas mulheres no poder, deveriam ser gravadas, filmadas e postas em atas e tornadas públicas de imediato. As exceções ficariam para os assuntos relativos à segurança nacional e aos interesses do país relacionados ao mundo em volta. Mesmo assim todos esses assuntos deveriam ser gravados para posterior conferência e para equipar os arquivos históricos do país. Mas não é assim que funciona. Pelo contrário. Todos os assuntos tratados entre os chefes de poderes e mesmo entre si, e que são, em última análise, de interesse da nação soberana, são discutidos e mesmo acertados longe das luzes e da transparência. Em muitos casos, a população só vem a saber a respeito, quando as consequências, muitas vezes nefastas, estão à vista de todos.

Em decorrência dessa distorção, vivemos em uma espécie de "República dos Segredos de Estado", em que as decisões são tomadas a portas fechadas, longe do escrutínio público e, muitas vezes, acertados contra a vontade majoritária da população. É óbvio que não se pretende aqui uma democracia do tipo direta, na qual não há a necessidade de representantes eleitos para isso. Mas o que ocorre com o Brasil foge completamente do aceitável e do que seria republicano. Nesses casos, a população, sempre é a última a saber e a primeira, penalizada e tributada, do que tenha sido ser decidido.

Dentro de um sistema dessa natureza, destorcido e alheio, não chega a ser surpresa que os brasileiros passem a ser tratados como cidadãos de segunda classe, chamados apenas para pagar tributos e impostos e a apertar o botão da urna eletrônica a cada quatro anos. Com isso, a cidadania e o Estado democrático de direito passam a ser somente ficção. Cidadania colocada num papel, mas que não existe nem é exercida de fato. A opacidade do Estado, diz muito sobre a qualidade de nossa democracia e de nossas liberdades. Parte da imprensa que poderia furar esse muro fechado não tem ajudado muito a clarear os fatos, preferindo uma posição, mais militante do que investigativa e isenta.

Essa é uma situação que, embora não muito discutida, é gravíssima e atenta contra o que chamam de direitos. Não chega ser espantoso que muitos chefes do Executivo usem a tarja preta de "segredo por 100 anos" sobre suas ações, gastos e outros atos duvidosos. No caso do Estado, o segredo é inimigo da ética pública, pois esconde e escamoteia para frente, atos condenáveis e até criminosos.

Num ambiente assim, onde o público é mantido a distância, não é raro que os atos no poder venham a beneficiar, sobretudo, aqueles que estão próximos ao poder. Outro fenômeno que pode ser observado, em um ambiente sem transparência cristalina, é a articulação entre os Três Poderes para blindar uns aos outros contra as bisbilhotices da população. Ao tradicional e odioso toma lá dá cá foram associados a proteção e o silêncio mútuo. Em muitos casos, observa-se, inclusive, a ocorrência de chantagens do tipo: "Faça o que eu quero e você não terá problemas".

Numa fauna com essas características, onde todos possuem o "rabo preso", e por isso mesmo estão irmanados num mesmo e obscuro propósito, o silêncio e o segredo são peças fundamentais nesse jogo. A questão aqui é saber que futuro terão as próximas gerações, já que a atual se mostra imersa numa perfeita desilusão. Segredos de Estado se impõem em casos especialíssimos de guerra interna generalizada, mortandade e violência incontidas. De outro modo servem apenas para acobertar aqueles que vivem à margem da lei ou acima delas.

»» A frase que foi pronunciada

A glória da Justiça e a majestade da lei são criadas não apenas pela Constituição — nem pelos tribunais, nem pelos oficiais da lei, nem pelos advogados — mas pelos homens e mulheres que constituem nossa sociedade e que são os protetores da lei, pois eles próprios são protegidos pela lei.

Robert Kennedy

Tem sim, sinhô!

» Com visitas na área rural do DF o Circo Travessia mostra para a criançada que ainda é possível sonhar. A alegria, o sorriso e a satisfação ao voltar para casa é o resultado da experiência circense. Dia 8 será a apresentação no acampamento Margarida Alves, em Sobradinho.

»» História de Brasília

Foram, de fato, fichados 400 candangos, e nenhuma obra foi reiniciada. Milhões foram jogados fora, e continuam, ainda, porque tem sido pequeno o numero de demissões. (**Publicada em 21/3/1962**)